



JORNAL DA
AdUFRJ

1277 • 15 de junho de 2023 • www.adufrj.org.br
• TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

PASSEIO PELA BELEZA

Terceira visita histórico-cultural promovida pela AdUFRJ vai desvelar os segredos de uma das dez mais lindas bibliotecas do mundo. Passeio será guiado pela professora Gilda Santos, da Faculdade de Letras, em 30 de junho. As vagas acabaram em menos de 12 horas após o anúncio, mas haverá uma nova turma no dia 7 de julho.

Páginas 6 e 7

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Na fachada do prédio escondido nas cercanias da Praça Tiradentes, no Centro do Rio, o letreiro ainda guarda a grafia original: Portuguez, com z. Situado no número 30 da Rua Luís de Camões, essa pequena joia erigida pela Família Real, após sua desastrosa fuga de Lisboa para o Rio de Janeiro, abriga uma das mais belas bibliotecas do mundo, segundo vários rankings internacionais, entre eles o da prestigiosa revista Time. No próximo dia 30, o Real Gabinete Português de Leitura será o destino da terceira edição do projeto de visitas histórico-culturais do sindicato, iniciativa criada este ano e que vem tendo uma ótima aceitação dos nossos filiados.

O sucesso pode ser medido pela procura: as inscrições para as 25 vagas disponíveis se esgotaram 12 horas depois que a AdUFRJ anunciou o passeio, por e-mail, aos seus sindicalizados. Já abrimos uma nova data para outra turma de 25 pessoas, no dia 7 de julho. E queremos agradecer aqui ao apoio da professora Gilda Santos, que será a guia desses passeios. Foi dela a ideia de sugerir o histórico prédio da Rua Luís de Camões para visita após participar do nosso passeio à Pequena África, em 29 de abril. Professora aposentada da Faculdade de Letras, especialista em Literatura Portuguesa, Gilda é vice-presidente Cultural e do Centro de Estudos do Real Gabinete.

Com seu acervo de 350 mil volumes, alguns deles raros, como um exemplar da primeira edição de “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, de 1572 — a obra está protegida por uma redoma de vidro —, a instituição fundada em 1837 é o tema de nossa matéria de capa desta edição. Enquanto esperamos a hora de visitar esse belo prédio em estilo neomanuelino, com suas imensas estantes de madeira e seus vitrais que deixam passar a luz do sol, vamos conhecer um pouco mais sobre essa bela biblioteca na matéria das páginas 6 e 7.

Já nas páginas 4 e 5, vamos falar de dois processos eleitorais recém-concluídos na UFRJ. As eleições para a Coppe, na semana passada, consagraram a chapa formada pela professora Suzana Kahn (diretora) e pelo professor Marcelo Campos (vice-diretor). Realizado de forma remota, por meio do sistema Hélio, o pleito teve duas chapas concorrentes e transcorreu sem problemas. A candidata eleita falou de seus planos, um deles o de atrair mais alunos de pós-graduação. Confira na página 4.

Realizada nos dias 29 e 30 de maio, as eleições para a escolha da primeira diretoria do Instituto de Ciências Médicas da UFRJ em Macaé tiveram seu resultado conhecido em 1º de junho. Foram eleitos o professor Joelson Tavares Rodrigues, como

nham os dados atualizados, via aplicativo SouGov.br, com a indicação de uma conta-salário em uma das instituições bancárias credenciadas.

GILBERTO CARVALHO Secretário nacional de Economia Popular e Solidária do Ministério do Trabalho, Gilberto Carvalho proferiu a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação de Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDs) no dia 15 de junho. O encontro marca as comemorações pelos dez anos do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (Nides), órgão complementar do CT. Em sua palestra, o secretário destacou a mudança civiliza-



ALESSANDRO COSTA

diretor, e a professora Karine Verdoorn, como vice-diretora. Nossa ex-companheira de diretoria na AdUFRJ, Karine pediu afastamento antes de concorrer ao cargo e falou de seus desafios na nova função, como consolidar a estrutura do instituto — cujo regimento ainda está em elaboração — e ampliar os cursos de graduação. Veja a entrevista na página 5.

Os debates em torno do Novo Ensino Médio, criado no nefasto governo Michel Temer, são o tema de nossa matéria da página 3. Entre a revogação pura e simples da proposta e as críticas ao modelo anterior, esses debates chegaram à UFRJ, que criou um Grupo de Trabalho para estudar o assunto. Esta semana, esse GT estabeleceu princípios basilares que devem orientar o formato de educação mais adequado às necessidades do país. Essas ideias serão debatidas em um seminário a ser realizado ainda em julho.

Finalmente, na página 8, fazemos uma justa homenagem ao professor Odair Dias Gonçalves, que nos deixou no último dia 11. Ex-presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) e fundador do curso de Física Médica, o mestre deixou uma legião de admiradores, alguns deles ouvidos pela nossa reportagem. Ao professor Odair, a nossa saudade e a nossa gratidão.

Boa leitura!

tória no Brasil, entre 2003 e 2016. “O fim da fome endêmica no Brasil é a demonstração mais concreta desse processo”, afirmou. “Não era um projeto revolucionário. E teve susten-



tabilidade enquanto as elites do país sentiram que era possível conviver sem a perda do que lhes era essencial: concentração das taxas de lucro”, disse.

O político também defendeu a importância de financiamento para a economia solidária, e da formação de pessoas voltadas a resolver os problemas sociais. “É uma dimensão política e uma dimensão ética muito profundas. Pensar a autonomia das pessoas, sobretudo dos excluídos, é fundamental para nós e vocês têm papel importante nesse processo”.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA

UFRJ lança princípios para um novo ensino médio

Grupo de trabalho da universidade defende modelo que valorize os professores. Discussão será ampliada em seminário previsto para julho, com convite a escolas, movimentos sociais e sindicatos

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Revogar o Novo Ensino Médio, imposto pelo governo Temer, é a prioridade número um de milhares de educadores brasileiros. Mas a solução da crise, argumentam especialistas, não pode ser a volta ao modelo anterior, também com muitos problemas. Em meio à polêmica, um grupo de trabalho da UFRJ definiu, esta semana, os princípios que devem orientar o formato de educação mais adequado às necessidades do país. Entre os fundamentos da proposta, o destaque é para a valorização do professor.

“Não dá para pensar em uma estrutura de ensino médio, ou da educação básica, sem pensar em valorizar a profissão docente”, afirma o superintendente geral de Graduação, professor Joaquim Fernando Mendes da Silva, representante da PR-1 no GT. “Isso implica valorizar também a carreira, os salários, a formação e as condições de trabalho”.

No país em que o piso do magistério, de pouco mais de R\$ 4,4 mil, não é cumprido em muitos estados e municípios, já dá para imaginar o tamanho do desafio. A infraestrutura é outro obstáculo. Das quase 168 mil instituições de educação básica municipais e estaduais do país que responderam ao Censo Escolar 2021, mais da metade (55,6%) sequer possuía uma biblioteca.

“Se o Brasil não reconhecer que Educação e Saúde são suas maiores prioridades, que precisam de um investimento maciço, vamos continuar com o mesmo problema”, reforça o superintendente. “Não temos a ilusão de que isso será resolvido de um dia para o outro. Mas precisamos de um pacto nacional pela valorização dos professores”, completa.

O novo ensino médio de Temer representa o oposto. A lei de 2017, que jamais foi discutida com os educadores, autoriza que pessoas sem formação pedagógica possam ensinar componentes curriculares nas escolas. Seriam os profissionais de “notório saber”. “O ‘notório saber’ é um problema sério. Abre espaço para a desprofissionalização docente. Nós não podemos ser a favor”, afirma a coordenadora do Complexo de Formação de Professores da UFRJ, Carmen Teresa,

também integrante do GT.

O documento do GT, que será enviado aos conselhos superiores e às direções de unidades, reivindica “uma educação pública socialmente referenciada, democrática e que forme cidadãos críticos engajados nas questões de seu tempo”. O ensino deve proporcionar o letramento científico, artístico e cultural numa perspectiva interdisciplinar. A discussão sobre profissionalização e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) também precisa ser contemplada, entre outros pontos — a íntegra do documento pode ser conferida no site da AdUFRJ. “O documento é um pontapé inicial”, diz Carmen. “A questão agora é como operacionalizar esses princípios em uma política”.

Para chegar lá, a ideia do grupo é organizar um seminário ainda em julho, com todos os interessados. “Ainda estamos pensando o formato”, acrescenta a coordenadora do Complexo. O certo é que serão convidados professores da rede, coordenadores das licenciaturas, colegas do ensino profissionalizante, os próprios licenciandos, movimentos sociais e sindicatos da área.

DRAMA NAS ESCOLAS

Professor de Sociologia no colégio estadual André Maurois (no Leblon) do Rio, João Paulo Cabrera ficou satisfeito ao saber da mobilização da UFRJ. Formado pelo IFCS em 2007, o docente espera que as comunidades escolares tenham voz ativa no seminário de julho. “Não como espectadores, mas como parte das mesas, como parte das discussões”, defende.

Há muito o que relatar. “A experiência com o novo ensino médio, que está no segundo ano de implementação, está sendo a pior possível”, diz João Paulo (confira ao lado o depoimento do professor). Sua matéria foi sufocada. Antes, o professor dava dois tempos de aula por semana para as três séries do ensino médio. Agora, só foram preservados os tempos do terceiro ano — que sofrerá a reforma em 2024. “Ao cortar estes tempos e os de outras matérias, a reforma está impedindo o acesso dos estudantes ao conhecimento acumulado e sistematizado”.

Para piorar, o docente foi obrigado a ministrar componentes curriculares para os quais não recebeu qualquer formação. “Estou dando estudos orientados, projetos de vida, reforço escolar e robótica sustentável para as turmas do primeiro e



O SINDICATO ESTADUAL dos Profissionais de Educação do Rio (Sepé) produziu um gibi sobre o novo ensino médio



CONSULTA PRORROGADA ATÉ 5 DE JULHO

O MEC decidiu prorrogar uma consulta pública sobre o novo ensino médio até 5 de julho. A medida atende a um pedido conjunto de entidades da área, como o Conselho Nacional de Educação e o Conselho Nacional dos Secretários de Educação, para ampliar a participação da sociedade no debate. O GT Ensino Médio da UFRJ, porém, já decidiu que não vai enviar sua proposta pelo mecanismo. O entendimento é que não há como remediar o desastrado modelo em implantação.

segundo anos”.

“Existe uma falsa noção de que os alunos podem escolher várias opções de um ‘cardápio’. Na verdade, a maior parte não escolheu esse itinerário das eletivas. O aluno não tem outra opção naquela escola ou escola

próxima”, critica. “O resultado são alunos desmotivados, fazendo disciplinas que não querem. Ou nem fazem, pois não existe avaliação obrigatória por boa parte delas. Além de professores que não querem dar esses componentes curriculares”.

DEPOIMENTO

JOÃO PAULO CABRERA
Professor de Sociologia da rede estadual

Eu me formei em 2007 pelo IFCS e entrei na rede estadual em 2009, no Colégio André Maurois, no Leblon. A experiência com o novo ensino médio, no segundo ano de implementação, está sendo a pior possível.

Existe uma falsa noção de que os alunos podem escolher entre várias opções de um ‘cardápio’. Na verdade, a maior parte não escolheu esse itinerário das eletivas. O aluno não tem outra opção naquela escola ou escola próxima. O resultado são alunos desmotivados, fazendo disciplinas que não querem. Ou nem fazem, pois não existe avaliação obrigatória por boa parte delas. Além de professores que não querem dar esses componentes curriculares.

Antes, Sociologia e Filosofia tinham dois tempos por semana nas três séries; agora, Filosofia tem dois tempos por semana no primeiro ano; e Sociologia só tem dois tempos no terceiro ano.

No terceiro ano, que ainda não foi afetado pela reforma, minhas turmas de Sociologia estão cheias. Nas eletivas, no primeiro e segundo anos, estou dando aula de estudos orientados, projetos de vida, reforço escolar e robótica sustentável para uma média de oito alunos. Não tive nenhum curso de formação para elas. Só recebemos alguns manuais digitais. E não há conteúdo para um ano inteiro.

Daqui a pouco devem aparecer os cursos de formação continuada das fundações, com materiais que não virão das universidades. A formação de professores será afetada. A universidade precisa acordar para este processo.

Coppe elege nova diretoria e se prepara para o futuro

> Chapa encabeçada pela professora Suzana Kahn venceu a disputa com 680 votos contra 340 da oposição, liderada por Theodoro Antoun. Nomeação ocorrerá após a posse da nova reitoria

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

N a última semana, professores, estudantes e técnicos da Coppe definiram quem comandará o instituto pelos próximos quatro anos. A chapa 1, composta pela professora Suzana Kahn (diretora) e pelo professor Marcello Campos (vice-diretor) venceu as eleições. Foram 160 votos de docentes, 254 de técnicos e 266 de estudantes. A chapa 2, formada pelos professores Theodoro Antoun Netto, candidato a diretor, e Marcelo Savi, candidato a vice-diretor, recebeu 83 votos de docentes, 126 de técnicos e 131 de estudantes.

No dia 13, o Conselho Deliberativo da instituição homologou o resultado e formalizou as listas tríplices com os nomes de Suzana e Marcello como primeiros colocados. Compõem, ainda, as listas: Romildo Dias Toledo e Lavinia Borges, ao cargo de diretor, e Marysilvia Costa e Célio Costa, para a vice-direção. A lista será submetida ao reitor que, por tradição, escolhe os primeiros colocados. A nomeação deve ser feita após a posse do professor Roberto Medronho.

O professor Fernando Rochinha, presidente do Conselho Deliberativo, agradeceu a condução do processo e a participação dos integrantes da comissão. “Era nítido o cansaço físico das pessoas. Nós agradecemos muito o empenho, a doação nos finais de semana, nas horas-ex-

tras”, disse, durante a reunião do Conselho. “A gente sai mais forte desse processo. A instituição cresce”, avaliou o docente.

Atual diretor da Coppe, o professor Romildo Dias Toledo destacou a participação recorde da comunidade acadêmica. Compararam às urnas 85% dos professores, 62% dos técnicos e 16% dos estudantes. As eleições foram remotas, pelo sistema Hélios da universidade. “É um número bem representativo. A comissão eleitoral, os alunos, servidores e técnicos estão de parabéns”, elogiou o dirigente, cujo mandato se encerra em julho. Toledo é do mesmo grupo político de Suzana.

SEM TEMPO A PERDER

Diretora eleita, a professora Suzana Kahn avalia que o resultado nas urnas é um reconhecimento do trabalho que vem sendo realizado há quatro anos na instituição. “Passamos por percalços muito sérios, como a pandemia. Perdemos vários colegas, mas isso nos uniu mais como equipe”, analisa. “De fato, criou-se um vínculo muito forte para ultrapassar aquele período tão complicado”, acredita a professora.

Suzana promete colocar em prática planos interrompidos pela pandemia e pela crise financeira que atingiu o país e as universidades, em especial. “Nossas linhas programáticas deverão ser atacadas simultaneamente. Uma das questões é atrair mais alunos de pós-graduação. Precisamos atuar mais também na extensão, que é um dos pilares da universidade”, destaca a docente.

Uma área que merecerá aten-



DIVULGAÇÃO COPPE/UFRJ

SAIBA QUEM SÃO OS DEMAIS INTEGRANTES DA NOVA DIRETORIA

PROFESSORA MARYSILVIA COSTA
Diretora de Tecnologia e Inovação

PROFESSORA AMANDA XAVIER
Diretora de Planejamento, Administração e Desenvolvimento Institucional

PROFESSOR THARCISIO FONTAINHA
Diretor adjunto de Planejamento, Administração e Desenvolvimento Institucional

THIAGO ARAGÃO
Diretor-adjunto de Empreendedorismo

JEAN-DAVID CAPRACE
Diretor Acadêmico

THIAGO RITTO
Diretor-adjunto Acadêmico

GLAYDSTON RIBEIRO
Diretor executivo da Fundação Coppetec

ANTONIO FIGUEIREDO
Diretor superintendente da Fundação Coppetec

VANDA BORGES
Diretora adjunta de Gestão de Pessoas

CLEIDE LIMA
Diretora adjunta de Extensão

ção especial, segundo a diretora eleita, é o empreendedorismo. “Nem todo mundo que faz mestrado ou doutorado quer ser professor. Há demanda por empreendedorismo e inovação. Queremos que nossos alunos tenham oportunidades também fora da área acadêmica”, afirma Suzana.

Outro ponto de atenção será a interseção entre as áreas. “A engenharia não é mais tão departamentalizada quanto no passado. Precisamos reforçar essa interdisciplinaridade para atuar na fronteira do conhecimento”, diz a professora. Temas como economia de baixo carbono, transição energética, engenha-

ria de saúde, considerados eixos transversais de conhecimento, estão entre as prioridades.

A nova diretoria que acompanhará Suzana e Marcello já foi escolhida. Diversidade e incentivo a novos talentos foram critérios que pesaram na escolha dos nomes, segundo a diretora eleita. “A Coppe cresceu muito e temos que trazer pessoas mais novas para perto de nós, para conhecerem a administração da Coppe. Há pessoas com muita experiência em suas áreas, altamente qualificadas, mas que precisam se familiarizar com a gestão”, defende. “A diversidade desse time que assume a Coppe este ano é muito interessante”.

ção especial, segundo a diretora eleita, é o empreendedorismo. “Nem todo mundo que faz mestrado ou doutorado quer ser professor. Há demanda por empreendedorismo e inovação. Queremos que nossos alunos tenham oportunidades também fora da área acadêmica”, afirma Suzana.

Outro ponto de atenção será a interseção entre as áreas. “A engenharia não é mais tão departamentalizada quanto no passado. Precisamos reforçar essa interdisciplinaridade para atuar na fronteira do conhecimento”, diz a professora. Temas como economia de baixo carbono, transição energética, engenha-

CAMPANHA DO AGASALHO
PREFEITURA UNIVERSITÁRIA

- ✓ O que doar: cobertores e agasalhos, novos ou usados, limpos e em bom estado de uso e conservação
- ✓ Quando doar: de 19 de junho a 31 de julho, em dias úteis, das 9h às 16h.
- ✓ Onde doar: Recepção da Prefeitura Universitária, Praça Jorge Machado Moreira, 100 Cidade Universitária

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PRECISA DE SANGUE

O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho realiza um mutirão para doação de sangue. No período de férias, as doações chegam a cair mais de 30%, o que coloca em risco os pacientes. Por dia, são realizadas, em média, 20 cirurgias na unidade, além de transplantes complexos. O mutirão acontece de 19 a 30 de junho. Para participar, é preciso preencher um formulário, disponível nas redes sociais do HUCFF (@hucff.official) e do Projeto Sangue da UFRJ (@sanguedaurj), ter entre 16 e 69 anos de idade, estar bem de saúde e pesar mais que 50kg.

ENTREVISTA | KARINE VERDOORN, VICE-DIRETORA ELEITA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS MÉDICAS (UFRJ-MACAÉ)

‘VAMOS CONSOLIDAR NOSSAS BASES E AMPLIAR PARCERIAS’

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjr.org.br

Recém-eleita vice-diretora do Instituto de Ciências Médicas (ICM) do Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé, a professora Karine Verdoorn se afastou da diretoria da AdUFRJ para assumir a nova função. As eleições foram em 29 e 30 de maio, e a apuração dos votos em 1º de junho. O instituto ainda nem tem seu regimento aprovado, mas Karine já tem olhos para o futuro. Nesta entrevista, ela fala de seus planos, como criar novos cursos de graduação e proporcionar aos alunos mais oportunidades de estágio e internato.

■ **Jornal da AdUFRJ - A senhora acaba de ser eleita para a primeira diretoria do ICM em Macaé, tendo o professor Jelson Tavares Rodrigues como diretor. Qual será o grande desafio de vocês?**

● **Karine Verdoorn** – Essa será a primeira gestão do instituto. Nosso desafio inicial será o de consolidar nossa estrutura, nossas bases. Já estamos trabalhando nisso. Cada instituto tem autonomia para fazer seu regimento, que deverá ser aprovado pelo Consuni. Nossa proposta é que o ICM seja dividido em departamentos. Antes da criação dos institutos, o que havia eram as coordenações de cursos. Era um só departamento, o de Ensino de Graduação. Todos os professores estavam vinculados administrativamente a esse departamento.

■ **Essa estruturação do CM UFRJ – Macaé é bem recente e ainda está em curso. O Consuni aprovou a criação do centro em julho de 2021 e o regimento, com a criação dos seis institutos, foi aprovado em agosto do mesmo ano. É um momento de ebulição, não?**

● Exatamente. E assumir a direção do ICM neste momento é desafiador porque estamos montando as bases para o futuro. Agora estamos em processo de aprovação do regimento dos institutos. O Centro já tem sua decania, sob a gestão do professor Irnak Marcelo Barbosa. Hoje temos seis institutos. Além do ICM, temos os de Enfermagem, Politécnico, de Ciências Farmacêuticas, de Alimentação e Nutrição e o Multidisciplinar de Química.

■ **Vamos olhar mais adiante. Uma vez aprovado o regimento do ICM, quais os planos lá na frente?**

● Mais adiante, a nossa expectativa é de abrir novos cursos, ampliar a área de graduação. E criar novas frentes para inserção de nossos alunos no mercado.

■ **Para isso é preciso estabelecer parcerias, não? E uma das parcerias mais antigas e consolidadas da UFRJ em Macaé é com a prefeitura. Como pretende atuar nesse campo?**

● Vamos contar com a parceria da Prefeitura de Macaé, que sempre esteve presente. Queremos repactuar essa parceria, em várias frentes, e ter ainda mais conexão com a prefeitura. Vou dar um exemplo. A rede hospitalar de Macaé está crescendo, tanto no campo público quanto no privado, abrindo novos leitos, e seria interessante ampliar as parcerias nessa área. Não temos aqui um hospital universitário, e podemos ter aí um caminho para nossos alunos de graduação em estágios, em internatos.

■ **Para disputar as eleições e assumir as novas funções a senhora teve de se afastar da diretoria da AdUFRJ. Como avalia sua participação nessa gestão do sindicato?**

● Sempre defendi a participação dos professores no sindicato. Para ter um sindicato forte, precisamos de professores sindicalizados, ampliando nossa base. E não só com uma visão imediatista, como benefícios e convênios, mas também com a discussão política, com as ques-



tões de fundo da categoria. A experiência de ter atuado na diretoria da AdUFRJ me enriqueceu muito, principalmente por ter pensado coletivamente em projetos para a UFRJ e conhecido pessoas de outras unidades, trocando informações e vivências.

■ **Como começou sua ligação com a UFRJ?**

● Fiz minha graduação em Educação Física na Uerj (2005), e minha relação com a UFRJ começou no mestrado em Ciências Biológicas (Biofísica), que concluí em 2008. Depois prosseguiu com o doutorado, concluído em 2013. No final do doutorado, surgiu a oportunidade de entrar por concurso para a UFRJ, em Macaé. Eu morava no Rio e, até então, minha relação com a UFRJ era com o Fundão.

■ **Você já conhecia Macaé?**

● Só de ouvir falar. A primeira vez que pisei na cidade foi para me inscrever no concurso. A vaga era para Fisiologia e achei a minha cara, perfeita para mim. Isso foi no início de 2014. Só guardei que o então Polo de Macaé ficava em frente a um shopping. Quando vim fazer a prova

fiquei hospedada no Nupem (Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade), que foi a primeira unidade da UFRJ em Macaé, e que hoje é ligado ao CCS. Passei na prova e assumi em agosto de 2014.

■ **Como pretende conciliar suas atividades acadêmicas e administrativas?**

● Dou aulas de Fisiologia no ciclo básico da Saúde e estou vinculada ao Departamento de Biociências Aplicadas à Saúde, um dos cinco que estamos propondo para a estrutura do Instituto de Ciências Médicas. E ainda pretendo ministrar disciplinas em outros cursos em Macaé. Vai ser uma luta, mas vou acumular as funções acadêmicas e administrativas.

■ **Será que vai sobrar tempo para remar, atividade física de que tanto gosta?**

● Uma coisa que não abro mão é de remar. Isso é muito importante até para eu conseguir dar conta das funções acadêmicas e administrativas. As remadas são importantes para manter a minha saúde física e mental. E são vitais para eu manter a puxada do dia a dia. Vou manter sim, com certeza!

NOTAS

PROFESSORES DA REDE ESTADUAL SÃO AMEAÇADOS POR PM

Um policial militar ameaçou professores da rede estadual de ensino com uma arma de fogo, no último dia 14. A agressão aconteceu em frente à Secretaria Estadual de Educação, quando os profissionais de educação realizavam um protesto em busca de uma audiência com representantes do Governo do Estado. O policial militar, identificado apenas como Tenente Davi, sacou sua arma na direção dos professores para tentar dispersar o ato, no Centro. Neste sábado, a greve da categoria completa um mês.

PREFEITURA DA UFRJ LANÇA CAMPANHA DO AGASALHO

A Prefeitura Universitária lança na próxima segunda-feira, dia 19 de junho, a campanha do agasalho 2023. O objetivo é arrecadar cobertores e roupas de inverno para doá-los a pessoas em vulnerabilidade social nos campi da UFRJ e na Vila Residencial. As doações devem ser entregues na recepção da Prefeitura Universitária, de segunda a sexta, das 9h às 16h, até o dia 31 de julho. Itens como cobertores, colchas, casacos, blusas de frio, calças e meias estão na lista de prioridades. As roupas precisam estar limpas e em boas condições de uso.

UFRJ PODE GANHAR SUPERINTENDÊNCIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS

A Coordenação de Políticas Afirmativas e Diversidade pode virar uma superintendência a partir da próxima reunião do Conselho Universitário, marcada para o dia 22. O parecer, assinado por todas as comissões permanentes do Consuni – Legislação e Normas, Ensino e Títulos e Desenvolvimento – é favorável à proposta. No documento, a relatora do processo, professora Libânia Nacif Xavier, destaca a “complexidade e relevância” do tema e a “necessidade de sua expansão no âmbito

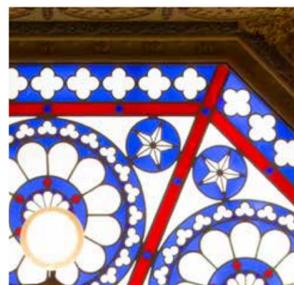
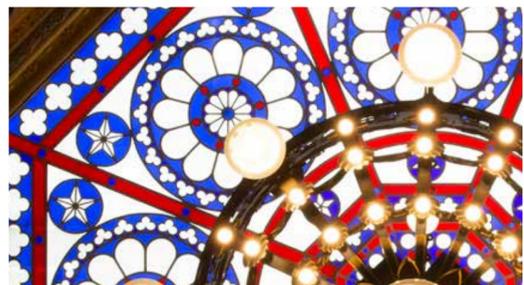
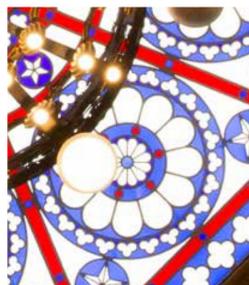
da UFRJ” como motivos para aprovação da nova instância e de seu regimento.

Hoje, o trabalho do grupo, segundo uma de suas coordenadoras, a professora Cecília Izidor, está focado nas comissões de heteroidentificação que atuam na graduação, na pós-graduação e nos concursos públicos para docentes e técnicos. Com a transformação em superintendência, a atuação poderá ser expandida. “Precisamos garantir que o professor esteja preparado para lidar com a diversidade em sala de aula”. A técnica-administrativa Deni-

se Góes, que divide a coordenação do grupo com a professora Cecília, explica que a futura superintendência terá também missões externas. “Precisamos estar em contato com a Comissão de Diversidade da Alerj, Ministério dos Direitos Humanos, Povos Indígenas, Igualdade Racial, entre outros grupos”, conta. Denise Góes reitera, ainda, a importância dessas interlocuções para a produção de conhecimento. “A gente precisa trazer o conjunto da sociedade para a universidade. Não podemos achar que a universidade se constrói sozinha”.

A resolução 118 do Conselho de Ensino Para Graduados (CEPG) estabelece cotas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência nos programas de pós-graduação da UFRJ, mas precisa ser revista, de acordo com Denise. “A resolução não inclui cotas para quilombolas e para LGBTQI+”, conta. Denise também defende a criação de cotas para pessoas com deficiência. “A gente já tem programas que fazem isso sozinhos, mas não podemos pensar de uma maneira isolada, a gente precisa de uma política única”, explica. O ensino e a grade curricular da UFRJ também devem entrar em pauta, para a implementação

de disciplinas afroferradas. Caso aprove a nova superintendência, a UFRJ se juntará à lista de universidades como UFBA e UFPR, que já têm o órgão, e a outras instituições, como a USP, que possui uma pró-reitoria com a mesma finalidade. “A UFRJ, nos últimos cinco anos, produziu avanços importantes”, reconhece o professor Jadir Brito, do Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos. “A superintendência é um grande passo na luta pela igualdade”, conclui. (Francisco Procópio)



MARAVILHE-SE COM A HISTÓRIA DO REAL GABINETE DE LEITURA

> Terceira visita histórico-cultural promovida pela AdUFRJ vai desvelar a beleza e os segredos de uma das dez mais lindas bibliotecas do mundo

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Prepáre-se para uma viagem no tempo, na qual todos os seus sentidos serão transportados para séculos atrás. A experiência será vivenciada por 25 professores filiados à AdUFRJ, no dia 30 de junho. A terceira edição de visitas histórico-culturais – projeto promovido pela AdUFRJ – vai conhecer o Real Gabinete Português de Leitura, instituição fundada em 1837 e que, há 136 anos, funciona no mesmo edifício. O prédio de estilo neomanuelino abriga a biblioteca mais antiga em atividade contínua do continente, eleita entre as dez mais belas do mundo.

As inscrições se encerraram em apenas 12 horas desde que a AdUFRJ fez o anúncio do passeio, por e-mail, aos sindicalizados. O sucesso foi tão grande que a diretoria abriu mais uma data para outra turma também de 25 pessoas: dia 7 de julho, às 14h30.

A visita não se limitará às áreas abertas ao grande público. Outros espaços e salas reservados serão apresentados aos docentes sindicalizados. Um deles é a Sala dos Brasões, um auditório que retrata brasões das



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

idades que existiam quando o Real Gabinete foi inaugurado.

A guia dessa viagem no tempo é a professora Gilda Santos. Doutora em Letras Vernáculas, especialista em Literatura Portuguesa, a docente é aposentada da Faculdade de Letras e vice-presidente cultural e do Centro de Estudos do Real Gabinete. A ideia de fazer a visitação ao espaço partiu dela mesma, quando teve oportunidade de conhecer a “Pequena África”, em 29 de abril. “Lá surgiu a ideia de poder apresentar o Gabinete aos colegas. Há um acervo muito grande. São livros, esculturas, pinturas, mobiliário”, descreve a professora. “Além do átrio central, os professores da UFRJ vão

“**Há um acervo muito grande. Além do átrio central, os professores da UFRJ vão conhecer outras quatro salas”**

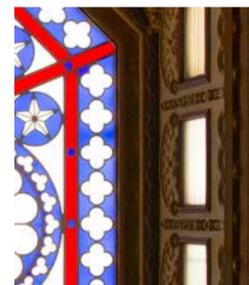
GILDA SANTOS
Diretora do Real Gabinete Português

conhecer outras quatro salas”, adianta a professora.

Além de biblioteca, o Real Gabinete funciona como instituição acadêmica. Em 1969, foi

criado o Centro de Estudos. Em 2001, a professora Gilda Santos fundou o Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras. “Não conheço nenhuma outra biblioteca no mundo que tenha um centro de estudos funcionando”, afirma. “Sempre houve um diálogo muito intenso entre o Gabinete e a Academia”, destaca a professora. “Funcionamos também como lugar de pesquisa”.

O acervo é formado por 350 mil volumes. Congrega bibliotecas de nomes conhecidos da cultura nacional, como Paulo Barreto, o João do Rio. “Em sua morte, em 1921, seu acervo foi todo doado ao Real Gabinete. Todos os livros que ele escreveu e sua biblioteca particular”,



explica a professora. Estão em guarda da instituição, ainda, o diploma de membro da Academia Brasileira de Letras, datado de 1918, a capa, espada e chapéu da ABL, uma pena de ouro, recebida como homenagem dias antes de sua morte, em abril de 1921, e comendas outorgadas pelo Estado Português ao escritor, em 1920.

OBRAS RARAS

Uma das preciosidades expostas ao grande público é um exemplar da primeira edição de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões. A obra, de 1572, fica protegida por um vidro na grande sala de leituras.

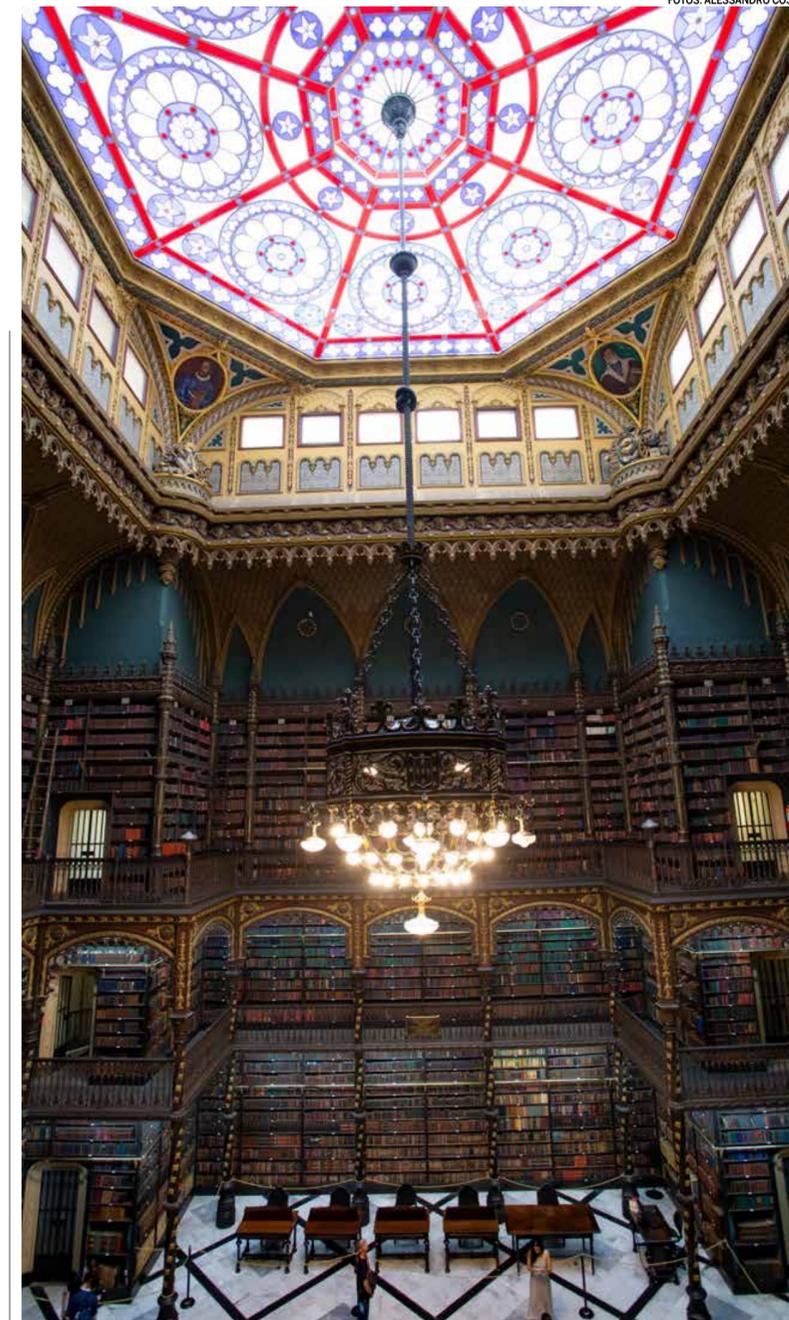
Outras obras de destaque são os manuscritos de “Dicionário da Língua Tupi”, de Gonçalves Dias (1858), “Ordenações de Dom Manuel”, de Jacob Cromberger (edição de 1521), “Sermões do Padre Antônio Vieira” (1689) e o manuscrito do romance “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco (1861).

Alguns exemplares de obras raras ou manuscritos podem ser consultados por pesquisadores, desde que haja autorização especial. Já a consulta ao acervo geral pode ser feita por todos os leitores no salão da biblioteca. Sócios têm o privilégio de pegar livros emprestados por até 15 dias, desde que sejam de edições posteriores a 1950.

PONTO DE TURISMO

Desde que entrou no rol das bibliotecas mais bonitas do mundo, o Real Gabinete passou a ser procurado por turistas brasileiros e estrangeiros. A visitação saltou para uma média de mil pessoas por dia. “Na sexta-feira, após o feriado (de Corpus Christi), a fila para conhecer o Gabinete ia da porta ao Largo do São Francisco de Paula”, espanta-se a professora Gilda Santos. Uma distância de quase 200 metros.

A reportagem esteve no espaço último dia 13 e encontrou Mayara dos Santos, com o marido Thierré e a filha do casal, a pequena Lídia. Todos encantados com o edifício. “Achamos lindo! Parece um cenário de filme antigo, daqueles bem clássicos”, disse Mayara, que é



FOTOS: ALESSANDRO COSTA



estudante de Letras da Uerj. “É aconchegante. Parece que estamos entrando em outra dimensão. É incrível que um espaço desse esteja tão pertinho e muita gente ainda não conheça”.

Para conhecer, os professores filiados à AdUFRJ que desejarem fazer a visitação do dia 7 de julho devem se inscrever pelo e-mail adufjr@adufjr.org.br. O Real Gabinete Português de Leitura fica na Rua Luís de Camões, 30 – Centro.

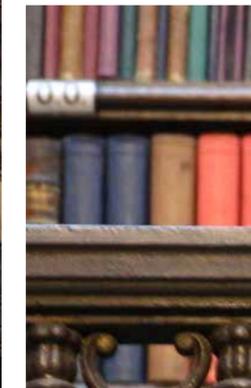
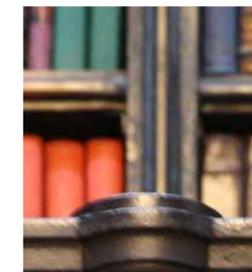
HISTÓRIA

Fundado em 14 de maio de 1837,

o Real Gabinete Português de Leitura é a mais antiga associação criada por portugueses no Brasil após a independência do país, em 1822.

A primeira sede foi na antiga rua de São Pedro, 83 – incorporada à Av. Presidente Vargas em 1943. Anos depois, transferiu-se para a Rua da Quitanda e para a Rua dos Beneditinos. A sede atual foi erguida em 1887, pela Princesa Isabel.

A fachada do prédio apresenta estátuas de Pedro Álvares Cabral, Luis de Camões, Infante Dom Henrique e Vasco da Gama.



ADEUS AO MESTRE ODAIR DIAS GONÇALVES

> Ex-presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, docente fundou o curso de Física Médica

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Professor devotado à universidade pública, profissional rigoroso, homem culto e elegante. Essas são as características que colegas, ex-alunos e familiares vão guardar do professor titular Odair Dias Gonçalves, falecido no último dia 11. Ex-presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) e fundador do curso de Física Médica, o mestre deixa uma legião de admiradores.

“Sinto que perdi um membro da minha família”, lamenta a vice-diretora do Instituto de Física, professora Simone Cardoso. “O Odair era como um pai. Eu o considerava como meu pai acadêmico, o pai da profissão. Eu o tinha como referência”.

Simone fala com propriedade por tê-lo conhecido logo no primeiro dia da graduação, há 30 anos. E de ter contado com sua orientação até o doutorado. “Os alunos que não trabalhavam com ele tinham um medo inicial, porque era uma pessoa muito séria e exigente. Mas, depois de transposta essa barreira, você pode ver como era a relação pelas postagens de homenagem nas redes sociais”.

A vice-diretora cita uma publicação do Centro Acadêmico de Física. “Odair, coordenador da Física Médica, era aquele professor que a maioria tinha um certo medo de entrar em contato. Mas depois de conhecê-lo de perto, mudávamos totalmente de opinião”, escreveram os estudantes, no dia seguinte ao falecimento. “Por diversas vezes, ele demonstrou admiração e respeito pelo CAFís e por tudo que um centro acadêmico representa. Sempre nos foi muito solícito, conselheiro e amigo”.

PIONEIRISMO

O curso de Física Médica, criado em 2000 — um dos primeiros do país — era um dos “xodós” do docente. “Ele se dedicou muito à criação do curso de Física Médica. Preparou tudo para a abertura e até os últimos dias, mesmo doente, quis se manter como coordenador do curso”, conta Simone. O bacharelado forma físicos capazes de atuar com especialistas da área médica, fornecendo os requisitos mínimos para o exercício da profissão na radiologia, radioterapia e medicina nuclear.

A professora titular Ginette Jalbert também elogia o pioneirismo de Odair. “Pude observar o prestígio que ele tinha entre seus colegas de departamento e os alunos, suas atividades acadêmicas e políticas. Principalmente a “coragem” e a persistência de criar a especialidade em física aplicada (Física Médica) num instituto com forte tendência à Física Teórica”, diz. “Essa criação foi um salto enorme do instituto, abrindo novas possibilidades não só em Física Médica como em outras áreas aplicadas”.

Ex-alunos, como Felipe Marques, são só agradecimentos. “Ele foi muito importante nas minhas decisões acadêmicas e



CNEN Odair durante reunião da Comissão de Minas e Energia, em março de 2011



FAMÍLIA UFRJ Karín; Thiago; Hebe e Odair, em 2006, na Califórnia



EM VIENA: professor visitou muito a cidade, sede da Agência Atômica Internacional



CONGRESSO de Física Médica em Porto Alegre, em 2018, rodeado de alunos

profissionais”, diz o jovem, que começou a graduação na Engenharia, mas, cativado, decidiu migrar para a Física Médica. “Ele desafiava a gente. Conseguia fazer a gente se interessar de uma forma que não encontrei em nenhum outro professor da UFRJ”.

Da convivência, Felipe destaca ainda o lado culto do antigo mestre. “Era um

leitor ávido. Tinha um biblioteca em casa da qual tinha muito orgulho”. E revela. “Uma vez, me disse que tinha vontade de escrever um livro. Perguntei sobre o quê, já imaginando que seria um livro didático e ele me surpreendeu dizendo que seria um romance policial”.

A generosidade com os alunos ainda é registrada pela professora Regina

Cely, da Uerj. “Odair foi uma pessoa importante porque me aceitou orientar no doutorado nos anos 90. Ele me deu oportunidade de fazer a ligação entre a engenharia nuclear e a física, o que era uma coisa muito nova”.

Foi com Odair e outros colegas que Regina publicou seu primeiro artigo científico em 1998. “Escrevi e levei para ele ler (a primeira versão). Achei que estava arrasando”, brinca. Depois ele retornou. “Olha, você escreve bem, mas cientificamente, você vai aprender. Foi me dando as dicas. Escrever em inglês “científico” é mais técnico, mais direto. E, a partir desse artigo, muitos outros vieram”, relembra.

O DANÇARINO

Já a professora Ana Maria Senra conheceu Odair no final de 1978, no mestrado. “O IF estava crescendo. Havia muitos professores auxiliares de ensino e colaboradores entre os alunos da pós-graduação”. Era um tempo de ebulição política. No ano seguinte, surgiu a AdUFRJ. “Na época, o movimento dos docentes universitários estava nascendo e participamos juntos das assembleias de professores, das passeatas, das greves e das suas atividades”.

Da amizade de mais de 40 anos, a docente conta uma curiosidade que talvez poucos imaginassem do professor sempre muito sério. “O Odair gostava muito de dançar. Costumávamos fazer festas para dançar e não perdíamos um Docente Dançante, os famosos bailes da AdUFRJ”, revela. “Ele tinha uma expressão corporal muito forte, impossível não percebê-lo em um ambiente. Inclusive, foi professor de Expressão Corporal na Escola de Dança da Angel Vianna”.

O filho, Thiago Signorini Gonçalves, confirma. “Ele tinha muitas facetas que as pessoas não conheciam. Meus pais nasceram no mesmo ano (1952) e quando fizeram 50, eles decidiram fazer a ‘festa dos 100 anos’. Acho que muita gente na festa se surpreendeu porque meu pai tinha essa experiência toda de dança. E era bonito de ver os dois dançando”.

FAMÍLIA UFRJ

Thiago, que é professor do Observatório do Valongo, atribui muito da escolha profissional aos pais. A mãe, Hebe Signorini, que faleceu ano passado, também era docente do Instituto de Psicologia. “Eu consegui viver muito o ambiente acadêmico. Tive muito apoio. Da Física em particular, tenho uma influência muito grande. Falava muito de física com meu pai”.

A situação das universidades era tema recorrente dos almoços de família, ainda mais quando Thiago e a esposa Karín Menéndez-Del Mestre se tornaram docentes da Astronomia da UFRJ. “A gente falava muito da UFRJ o tempo todo. Meu pai era um defensor da universidade pública. Sempre valorizou isso”.

O tempo em que o pai ficou à frente da Comissão Nacional de Energia Nuclear era outro tópico das conversas. “Foi muito interessante ele ter sido chamado, porque ele não tinha nenhum envolvimento com qualquer partido político, nenhum apadrinhamento. Ele simplesmente participou do grupo de transição. Foi claramente uma indicação técnica. Tinha muito orgulho disso”.

E não só disso. No memorial para o concurso de Titular, em 2019, o professor Odair escreveu que os resultados do trabalho de toda uma vida, não só na pesquisa básica, mas na aplicada, na educação, e não menos importante, no IF e na CNEN, “fizeram e ainda fazem diferença, principalmente para os alunos que ajudei a formar e ainda estou formando”. O texto é encerrado com convicção: “Tenho orgulho de minha carreira e não me arrependo de minhas opções”.